

UMA REFLEXÃO SOBRE A RETOMADA DOS MITOS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: A INFLUÊNCIA DA MITOLOGIA CRISTÃ NA REPRESENTAÇÃO DA MITOLOGIA NÓRDICA

A REFLECTION ABOUT THE MYTH RESUMPTION IN THE COMICS: THE INFLUENCY OF CHRISTIAN MYTHOLOGY IN THE REPRESENTATION OF NORDIC MYTHOLOGY

Anderson Nowogrodzki da Silva

<a.nowogrodzki2@gmail.com>

Mestrando em Estudos Linguísticos

Universidade Federal de Goiás

<http://lattes.cnpq.br/0106236236206029>

RESUMO

A contemporaneidade está povoada de imagens e discursos e produz, a todo o tempo, novos saberes que se disseminam por meio de práticas discursivas na forma de gêneros específicos, determinados pela relativa estabilidade de suas características. O presente artigo tem por escopo, portanto, demonstrar o modo como o mito, em sua constituição arquetípica, é retomado, num movimento histórico cíclico, por meio de diferentes roupagens, evidenciando, dessa forma, o modo como o imaginário e o discurso se articulam na construção da história em quadrinhos como gênero do discurso e sua pluralidade de sentido derivada da linguagem multimodal que o constitui. Procura-se, por isso, descrever e analisar a história em quadrinhos intitulada *A Essência do Medo – Jornada ao Mistério*, em que se apresenta uma narrativa heroica oculta de Loki (Jovem Loki), em busca de ajudar o irmão (Thor) a proteger o mundo do *Ragnarök* (escatologia nórdica). Para tanto, utilizam-se Foucault (1995), na perspectiva discursiva, abrangendo o modo como as relações de saber produzem o construto histórico, Bakhtin (1992), em relação aos gêneros do discurso, sua mobilidade e relevância, Durand (2002), na perspectiva do imaginário como constelação de imagens que orienta dado valor de verdade e Nietzsche (2006), com sua filosofia do martelo. Esses autores, entrelaçados, tornam-se esteira teórica para a edificação do presente estudo. Configura-se, assim, como um trabalho de cunho qualitativo, segundo o qual se busca coletar dados representativos. Há de se ressaltar que o método da abordagem, hipotético-dedutivo, é utilizado como base para o desenvolvimento do trabalho, buscando comprovações por meio de marcas linguísticas e imagéticas que evidenciem a concretude da análise. Entende-se, nesse estudo, que a história não é um todo contínuo que se movimenta em uma única direção, sem quebras ou rupturas, mas um lugar de descontinuidade e mudança constante, sendo palco da amálgama mítica erigida a um trono por meio das angústias e anseios inerentes ao humano, o que movimenta os saberes correntes em dado momento e modifica as imagens que nele circulam, transformando, em decorrência disso, o modo como os enunciados se estruturam e os temas que carregam, trazendo, na análise empreendida, as formas heroicas dos deuses nórdicos para a moral maniqueísta alicerçada no cristianismo.

PALAVRAS-CHAVE: discurso; imaginário; gêneros do discurso (HQ); Mitologia Nórdica; Mitologia Cristã.

ABSTRACT

Nowadays, the society is peopled with images and discourses and produces, all the time, new knowledge that spread through discursive practices in the form of specific genres, determined by the relative stability of its features. Therefore, this article have by scope prove how the myth, consisting of archetypes, is taken in a cyclic historical movement through different guises, showing, thus, how the imaginary and the discourse are crossed in the construction of comics as a discourse genre, thinking about the plurality of meaning derived from multimodal language. We have as objective, therefore, describe and analyze the comic book entitled "The Essence of Fear - Journey to the Mystery", in which it has a hidden heroic narrative of Loki (Young Loki), aiming help his brother (Thor) to protect the world of *Ragnarok* (Norse eschatology). In this way, we use Foucault (1995), in the discursive perspective, including how the relations of knowledge produce the historical construct, Bakhtin (1992), in relation to the discourse genres, their mobility and relevance, Durand (2002), in the imaginary perspective as a constellation of images forming different truths, and Nietzsche (2006), with his hammer philosophy. These authors, intertwined, become theoretical mat for the building of this study. This article has qualitative nature, therefore we collect representative data. It should be noted that the method of approach, hypothetical-deductive, is used as the basis for development work, searching evidence through linguistic and imagistic brands that demonstrate the concreteness of the analysis. It is understood in this study, that history is not a continuous whole that moves in one direction, without breaks or ruptures, but a place of discontinuity and constant change, being the scene of the mythical amalgam erected to the throne through the anguish and the inherent human longings, which moves the current knowledge at any time, modifying the images that circulate in it, turning, as a result, how the statements are structured and themes that carry, bringing in the analysis undertaken, the heroic forms of the Norse gods to the Manichean morality rooted in Christianity.

KEYWORDS: discourse; imaginary; discourse genres (comics); Nordic Mythology; Christian Mythology.



INTRODUÇÃO

Desde a emergência dos quadrinhos como parte fundamental da cultura pop na história mundial, integrando-se ao cinema e à televisão, há um preconceito que emana da associação entre HQ (História em Quadrinhos), infantilidade e ócio improdutivo (característica abominável numa sociedade de demanda constante por produção, como o ocidente majoritariamente capitalista). Porém, esse modo de olhar para a produção de narrativas imagéticas vem se esfacelando com o passar dos anos, trazendo os quadrinhos como suporte da pluralidade de gêneros até mesmo para o campo da educação, no Brasil. Por isso, demanda-se um olhar bakhtiniano (1992), em razão de entender como se articula esse gênero do discurso e como se reproduzem, de maneira estável, suas características.

Por ser parte relevante da cultura pop, os quadrinhos trazem uma carga de referências culturais e mobilizam temas diversos. Por isso, centra-se, neste artigo, como recorte, na representação da mitologia nórdica na contemporaneidade e pergunta-se: “que mito está latente na representação dos deuses asgardianos no quadrinho *Jornada ao Mistério*, retirado da saga *A Essência do Medo?*, com roteiro de Kieron Gillen e arte de Doug Braithwaite Richard Elson & Whilce Portacio (2011)?”. Propõe-se, assim, uma análise discursiva e imagética desse produto, observando a atualização do mito bíblico historicamente vigente, a partir da mobilização da mitologia nórdica, observando a troca de roupagem, mas a predominância de traços do mito do Cristo, a partir de uma perspectiva maniqueísta e de salvação.

Para esse empreendimento, procura-se, além de uma análise fundamentada no conceito de gênero do discurso de Mikhail Bakhtin (1992) e na filosofia do martelo de Nietzsche (2006), utilizar, de um lado, a antropologia do imaginário de Gilbert Durand (2002), um aporte para observar a representação mítica como narrativa produzida pelo imaginário, e de outro, a arqueologia do saber de Michel Foucault (1995), como esteira de análise discursiva, o que envolve os saberes correntes em meio à historicidade.

GÊNEROS DO DISCURSO - ENTRE A ARQUEOLOGIA DO SABER E A ANTROPOLOGIA DO IMAGINÁRIO: JORNADA AO MISTÉRIO

Pensando na multimodalidade das HQ como gênero discursivo, levando em consideração o entrecruzamento das linguagens oral (na reprodução do coloquialismo inerente à

comunicação cotidiana), escrita, sonora (onomatopeias) e visual, observam-se as condições de existência dos discursos e imagens materializados como quadrinhos que, a partir de um olhar bakhtiniano(1992), configuram-se como signo ideológico, a partir da palavra que interpela, ou seja, por meio da noção de dialogismo (interação constante entre o eu e o outro para a construção de uma rede de relações sociais), acumulam-se, nos diálogos, os dizeres que se entrecruzam na produção das esferas sociais. Por isso, a palavra é, no processo enunciativo, mudança, força motriz da mobilidade do construto social, que não se interrompe, mas é um todo que pressupõe uma infinidade de enunciados em diálogo constante, fazendo aparecer, em acontecimentos específicos, determinadas materialidades linguísticas, que, na estabilidade de suas características, traz à tona dado gênero do discurso.

O enunciado é a materialidade produzida no processo de enunciação, baseado numa interação dialógica entre locutores que, ativamente, se interpelam num jogo de sentidos, que se localiza, historicamente, no tempo e no espaço, tornando-o singular e, ao mesmo tempo, resultado de uma constituição complexa, numa rede que envolve outros enunciados. Segundo Bakhtin (1992), é a unidade básica da linguagem.

Por outro lado, os gêneros do discurso são, para Bakhtin (1992), tipos relativamente estáveis de enunciados, que, apesar de serem singulares, possuem similaridades e podem ser categorizados por meio de um sistema de diferenças, que tem por base as características e elementos que dão forma a eles. Olha-se, então, para a esfera da atividade humana em que esse enunciado se realiza, seu tema, estilo empregado e a estrutura que o compõe, refletindo, acima de tudo, sobre o construto histórico no qual o gênero se reproduz e sua relação com a interação verbal.

O ser humano é regido, em sua vida, pelo uso de diferentes linguagens. Todas as suas ações e construções decorrem do uso delas. A diversidade ideológica e a história são resultantes da possibilidade de comunicação humana, sendo a essência da movimentação, disseminação e contraposição discursiva.

Segundo Bakhtin (1992), existe uma diversidade de linguagens às quais o homem se associa em função de suas necessidades, o que as torna multiformes. Quando determinada linguagem está conectada à língua, chamamos o resultado de “enunciado”. O enunciado como foi conceituado, é, então, a concretização de discursos de forma oral ou escrita, sendo único, em função da heterogeneidade arraigada ao sujeito, que está localizado em condições de existência

específicas, que não se repetem, em razão da pluralidade de elementos que constituem a esfera da produção comunicativa. Porém, a construção composicional, o estilo e o conteúdo temático podem ser semelhantes, gerando categorias para os enunciados, que findam por se caracterizar como “tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos ‘gêneros do discurso’” (BAKHTIN, 1992, p. 262. Grifos do autor).

De acordo com as premissas de Bakhtin (1992), os enunciados são heterogêneos e as possibilidades de estudá-los e defini-los de forma a construir um conceito generalizador são mínimas, devido à multiplicidade de facetas decorrentes da pluralidade de gêneros que se instituem em diferentes condições de produção. Definiu-se, assim, uma primeira divisão para os gêneros, criando uma bifurcação para os enunciados que passariam a ser classificados como primários ou secundários. Os gêneros primários se caracterizam pela ausência de uma complexidade organizacional em sua construção, enquanto os gêneros secundários demandam regras quase canônicas na formulação de enunciados complexos, geralmente associados à escrita e, descendendo de enunciados simples (gênero primário), pois é da realidade comunicativa que se abstrai o conteúdo para a constituição de um enunciado complexo (gênero secundário). Concluiu-se, desse modo, que as HQ se enquadram na categoria de gêneros secundários, em razão da complexidade de sua efetivação e multimodalidade, extraindo da realidade seu conteúdo temático, buscando um estilo específico que melhor se adaptasse à narrativa e trazendo uma construção composicional que refletisse os sentidos correntes no imaginário de dada época.

Bakhtin (1992) ressalta que a vida humana e a língua se conectam em razão da relação de reciprocidade entre elas, sendo interdependentes ao necessitarem de uma para que a outra se concretize, culminando numa formação social composta pela individualidade que, apesar de ser única e resultar em enunciados que não se repetem, possui características regulares que nos levam à categorização de estilos dentro dos gêneros, descendentes de campos específicos onde os enunciados são produzidos. Ou seja, a relação da formação dos enunciados em detrimento de sua categorização em gêneros do discurso, associa-se, intrinsecamente, às condições de existência em que determinado grupo de sujeitos está inserido e ao modo como esses se comunicam. Percebe-se, assim, que o estilo do enunciado é uma base para que se consiga evidenciar o gênero ao qual o mesmo pertence.

A linguagem associa-se à história da sociedade por meio dos gêneros (primários e secundários), numa visão de que a língua é móvel e sua mobilidade está ligada ao movimento dos

estilos, em razão das diferentes condições de produção e do dialogismo existente entre gêneros primários e sua revisão organizacional como gêneros secundários.

A concretização do enunciado é um fato que só ocorre a partir do momento em que determinado sujeito localizado sócio-historicamente, carrega de sentido os códigos da língua e os coloca em uso, sendo o discurso que rege tal interlocução um resultado das condições de existência que atravessam o sujeito. Bakhtin (1992) defende, ainda, que a escolha das palavras que permeiam os discursos está atrelada às regularidades encontradas nos gêneros em que a interlocução se desenvolve e afirma que é no dizer do outro que se encontram tais unidades de construção dos enunciados, incorporando-as ao discurso individual.

É necessário ressaltar que, segundo Bakhtin (1992), o locutor de um enunciado é tão ativo quanto o receptor do mesmo, em função de ambos possuírem um papel comunicacional, em que, o primeiro, ao enunciar, busca uma atitude responsiva por parte do segundo. Esta atitude dialógica decorre de uma “memória discursiva”, conceito de Bakhtin (1992), em que tais enunciados são, estruturalmente, reproduzidos em uma diversidade de locais sócio-historicamente marcados, o que os torna únicos, pelo fato de não se repetirem da mesma forma.

Bakhtin (1992) corrobora para a elaboração de uma visão na qual o sujeito associa-se a um gênero discursivo que se adapte à sua intenção comunicativa, explicitando, porém, que as condições de produção possuem total influência sobre esta construção.

OS SABERES POR DETRÁS DOS GÊNEROS DO DISCURSO

Se, para Bakhtin (1992), os gêneros do discurso pressupõem certa historicidade dialógica, Foucault (1995) contribui para esse olhar em seus escritos sobre os modos de conceber a história. Para Foucault (1995), é preciso olhar para o objeto de estudo, nesse caso, as histórias em quadrinhos, sob uma perspectiva histórica que não seja fechada, universalizante e contínua. Pelo contrário, é preciso olhar para as discontinuidades, as rupturas e a diversidade inerente ao construto social que foge à hegemonia dos saberes, em razão de evidenciar a história como ela realmente se move, não estando centralizada nas narrativas de grandes homens que geralmente se encontram em território europeu, mas dando lugar ao que está marginalizado e como acontecimento é importante para entender o construto social, sua forma heterogênea e desconstruir o que é passível de sentido. Os quadrinhos, por muito tempo, foram um gênero

marginal entre os demais tipos de produção enunciativa, estando relegados ao esquecimento pelos recursos visuais que o constituem, associando-os ao público infantil em razão da diversidade das cores e da popularização de HQ que estivessem associadas às crianças, principalmente no Brasil, onde *A Turma da Mônica*, de Maurício de Souza, e os desenhos de Walt Disney tomaram força e se regularizaram como “gibis”, normatizando a relação entre os quadrinhos e a massa juvenil.

Quando se pensa em uma sociedade, pensa-se, conseqüentemente, nas relações interpessoais que a fundamentam. Faz-se necessário, assim, olhar para o sujeito sócio-historicamente situado, atravessado pela diversidade dos enunciados, dos discursos, e inserido em uma trama movida pelas relações de poder, sendo, dessa forma, constituído pela pluralidade dos saberes que o envolvem.

Os saberes, de acordo com Foucault (1995), que correm num dado momento sócio-historicamente marcado, organizam-se em uma rede de rupturas, descontinuidades, dispersões, regularidades, por meio de elementos e práticas discursivas, podendo superpor outros saberes, tornando-os essencialmente móveis, continuamente mutáveis nas conexões entre elementos, produzindo diferentes efeitos. Deleuze (2005) considera os saberes, dessa forma, como conjuntos entrópicos. Trata-se, o pesquisador, portanto, de um arqueólogo, que recorta determinadas relações históricas a partir de dada materialidade e as faz aparecer.

Em razão de tudo isso, a busca aqui empreendida gira em torno de descrever as alterações de sentido que aparecem na mobilidade histórica, observando como o discurso religioso cristão é retomado em uma história em quadrinhos que representa a cultura e os deuses nórdicos.

A partir do instante em que se adéqua o estudo realizado a um método histórico que descende de Foucault e de seus comentaristas, retoma-se Nietzsche (2006), no âmbito de uma perspectiva crítica que visa, a partir da “Filosofia do Martelo”, fazer estremecer o que é passível de sentido, refletir sobre o que é chamado de universal, questionar e olhar para a marginalidade em detrimento da hegemonia. Dessa forma, de acordo com Prado Filho (2006), utiliza-se a arqueologia foucaultiana como aporte para entender os regimes de produção dos discursos, as diversas formas de ver em dado momento histórico (diferentes verdades), as possibilidades de dizer, resultando nas práticas discursivas que se esgueiram na trama social, ou seja, a arqueologia

se centra nas relações de saber. O trabalho arqueológico, segundo Foucault (1995), não é criar uma análise que universalize, que totalize, é, antes de tudo, olhar para o discurso e suas relações, para os regimes de verdade e os efeitos de realidade produzidos.

É preciso lembrar, aqui, da convergência entre os pensamentos de Nietzsche (2001) e Foucault (1995), em relação ao conceito de *Eterno Retorno* (*EwigeWiederkunft*), no sentido de olhar para a história se pautando na noção de descontinuidade e na estrutura cosmológica nietzschiana de que não há *gene* ou *telos* na existência, ou seja, não há início ou fim, apenas um jogo de relações que produz o *devenir* (a mudança, o vir a ser) contínuo. Estrutura-se, assim, a descoberta de marcas que não se evidenciam na história clássica, de singularidades, de regularidades e rupturas, que dão forma a uma colcha de retalhos heterogênea, com diferentes formas e cores inscritas em dada dispersão. Dessa maneira, Foucault (1995) dá força ao conceito de *Nova História*, pautado no olhar para os acontecimentos sociais mínimos que foram apagados pelas formalidades da ciência histórica arcaica:

Trata-se, portanto, em suas análises, de fazer foco sobre as relações de saber-poder, no sentido de compreender que efeitos de subjetividade são produzidos em uma sociedade, num certo tempo, ou, melhor dizendo, que formas de vida coletiva, que modos de ser estão sendo historicamente produzidos numa certa sociedade, que formas de sujeição e assujeitamento estão em jogo nessa cultura. (PRADO FILHO. 2006, p. 30).

Entram em conjunção, portanto, os gêneros do discurso, como produtos da regularidade encontrada nas características dos enunciados correntes em dado momento sócio-historicamente marcado, por isso a pertinência de um olhar histórico arqueológico neste estudo.

O IMAGINÁRIO COMO ONTOLOGIA DOS GÊNEROS E DOS DISCURSOS

Entre a antropologia do imaginário e a análise do discurso foucaultiana, constrói-se um olhar para o gênero quadrinhos, observando o modo como o mito se projeta nos enunciados por meio de um imaginário individual que é refletido no imaginário coletivo e vice-versa. Olha-se, dessa forma, para as imagens e os discursos que perpassam uma obra da linha editorial de banda desenhada *Marvel Comics*, focalizando seu percurso constitutivo a partir da noção de imaginário.

A antropologia do imaginário é uma teoria fundada por Gilbert Durand (2002) durante a década de 1960, que se concentra no olhar para os símbolos e mitos e que, antropologicamente, observa a constituição das bases de significação histórica e social, sendo movida pela necessidade

de estudar as motivações simbólicas expressas em imagens verbais ou não. Segundo essa perspectiva, as imagens são estudadas de acordo com o sentido e a interação que se estabelece entre o indivíduo, sua biologia, pulsões psíquicas, o meio cósmico e social no qual ele está inserido e o modo como simboliza em busca de eufemizar as angústias da vida.

A partir da antropologia do imaginário e pensando no conceito de trajeto antropológico que parte do ser natural, biológico, e se direciona para o social, passando pela instância do psicológico, guiado pelas pulsões, isto é, a energia vital que move o indivíduo na vida e pela conseqüente mobilização do inconsciente, Durand (2002) dá lugar ao sujeito/mundo material, explorando os liames intrínsecos entre a corporeidade e o processo de produção das imagens que dão forma à diversidade de modos de racionalizar e representar o universo, dentre eles, o mito.

O discurso se apresenta como parte inerente dessas formas, já que se constrói, de acordo com Deleuze (2005), por meio do entrecruzamento de saberes, orientando-se por vetores de poder microfísico. Pensa-se, então, no olhar para a instância do social, partindo de um viés foucaultiano que será complementado pela noção de mito da teoria durandiana.

Pensa-se, aqui, dessa forma, num olhar para a constituição do quadrinho, que é elaborado e reelaborado a partir do imaginário, tendo, como parâmetro, a relação com a construção do sujeito na contemporaneidade, com foco nas diversas conexões existentes entre o indivíduo e a natureza que o envolve e o inclui, sua formação em condições de existência específicas.

Observa-se, portanto, o quadrinho constituído como ídolo, evidenciando indícios da saturação do mito do ídolo cristão pop em detrimento do aparecimento de uma nova roupagem para o discurso disseminado pelo cristianismo, nesse caso, a mitologia nórdica incorporando o maniqueísmo inerente ao cristianismo.

Olha-se para o gênero quadrinhos, em razão, então, de poder refletir sobre os modos de produção, a retomada de discursos, as redes de relações que possibilitam a emergência de dada prática e, destarte, a visualização de como o imaginário coletivo cria representações, imagens, retoma mitos a partir de uma historicidade e possibilita a estruturação de uma realidade pautada nos valores de verdade correntes em dado tempo-espço.

Discurso e imaginário se comunicam, então, num processo de focalização da trajetória histórica e social, incluindo as possibilidades inerentes ao estado contínuo de devir; construção, estabilização, desconstrução e reconstrução. Busca-se uma dupla empreitada ao entrecruzar uma análise das exterioridades que provém da análise do discurso foucaultiana, agregando um viés histórico e um direcionamento para a visualização de uma cultura que se pauta no imaginário, no mito, nos arquétipos, fundamentada nos princípios teórico-metodológicos da Antropologia de Gilbert Durand.

Parte-se, por isso, de uma ótica perspectivista, em que o sujeito se encontra conectado com a natureza, em que os fatos materiais não se modificam, mas o indivíduo, a partir de sua constituição, dos modos como se relaciona com os demais sujeitos, como diria Foucault (1995), e com a sua *psique*, suas pulsões, como afirma Durand (2002), alterna sua própria realidade, dando forma a um imaginário individual, um véu ilusório, um valor de verdade próprio, parcial, constituído. Como leitor e descendente do pensamento nietzschiano, Foucault (1995) traz à tona também esse saber perspectivo, afirmando que só se pode falar de um lugar e um tempo determinados, a partir de uma constituição própria e complexa.

Portanto, é preciso olhar para os enunciados que nessas circunstâncias, condições de existência, circulam, observando regularidades e resistências, trazendo à luz um jogo de poder fundamentado nos saberes correntes. Faz-se necessário pensar, assim, que a sociedade se movimenta historicamente, num processo contínuo de devir.

Intitula-se essa seção a partir da conjectura de que o imaginário é a ontologia dos gêneros e dos discursos, pois é a partir do véu ilusório configurado por ele que são constituídas todas as esferas da comunicação e possibilitadas as mobilizações históricas, de saberes e poderes, regendo na tríade biopsicossocial toda a relação humana.

O APARECIMENTO DO ASCETICISMO EM OPOSIÇÃO AO PRAZER: O RESSOAR DO MJOLNIR SOBRE OS PREGOS DE CRISTO – A ESSÊNCIA DO MEDO

Olhando para a história em quadrinhos *Avante Vingadores*, número 56, intitulada *A Essência do Medo – Jornada ao Mistério*, pretende-se analisar o quadrinho como gênero do discurso, observar a movimentação discursiva de valores na contemporaneidade, por meio da

arqueologia do saber, dando foco, ainda, ao mito diretivo que orienta a narrativa dos deuses asgardianos, por meio da antropologia do imaginário.

Na narrativa aqui analisada, o *Ragnarök* é eminente, Loki, o deus das traquinagens e da ilusão, se sacrificou anteriormente e tramou com Mefisto (demônio regente do inferno cristão) e Hela (filha de Loki e regente do *Hell* – inferno nórdico) sua ressurreição. De volta à vida, mas sem memória e como criança, o deus da trapaça passa a ser conhecido como Jovem Loki e protegido por Thor dos demais deuses que desconfiam das boas intenções do deus manipulador.

Enquanto isso, Odin prepara os exércitos asgardianos para o fim de *Midgard* (a Terra), em que os mais terríveis monstros deverão ser enfrentados para que a profecia se cumpra, sendo a serpente, Cul, deus do medo, irmão de Odin, o causador de todas as desgraças.

Kieron Gillen (2011) traz à luz os fatos que ocorreram por debaixo dos panos em toda essa empreitada heróica, sendo o Jovem Loki o verdadeiro responsável por salvar *Midgard* e *Asgard* (reino onde habitam os *Aesir* – deuses nórdicos), sendo, porém, orientado por pistas deixadas pelo seu eu anterior, que afirmavam ser, a trama, uma estratégia de Loki para deixar de ser previsível ao tornar-se bom.

OS GÊNEROS DO DISCURSO – A CONJUNÇÃO ENTRE A ESTÉTICA NÓRDICA E A TEMÁTICA CRISTÃ

Para analisar um enunciado e constatar a que gênero discursivo se associa, segundo Bakhtin (1992), é necessário olhar para as características impressas em sua materialidade e observar as regularidades (estabilidades) existentes em relação a outros (o que reforça a ideia de existência de um sistema de diferenças).

Olhando para o texto *Jornada ao Mistério*, refletindo acerca de sua reprodução como elemento de idolatria pop, faz-se necessário pensar que é um texto que transita por uma esfera midiática ocidental, que, apesar da saturação gradativa do discurso religioso cristão, reafirma seus valores nas narrativas, colocando em oposição o bem e o mal. Constata-se, então, que há nele um tema que se repete socialmente: a imposição do bem para os que almejam a vida eterna no paraíso e não ser atirados ao inferno, ou seja, evidencia-se a temática da salvação, levando em consideração a dualidade entre “paraíso e inferno” e a necessidade de recalcar pulsões, sujeitando-se à perfeição moralizante bíblica na negação dos prazeres. Comprova-se isso por meio de marcas linguísticas que revelam uma busca pelo *status* de axioma, como:

Jovem Loki: Vai aprender. Mudanças são boas. O novo é bom.
Thor: Sim, devemos ter fé nisso.
[...]
Thor: Você não é tão malvado quanto eles pensam.
Loki: Eu teria que me esforçar terrivelmente para ser tão terrível.

O texto possui uma estrutura composicional, em que se evidencia a divisão da HQ em oito partes, que evidenciam um conjunto multimodal, estruturado entre onomatopeias que reproduzem os sons, diálogos que simulam a comunicação verbal oral e escrita cotidianas e as ilustrações, carregadas de traços realistas. Essas características, ao contrário do que é aparente, parecem dar forma a um enunciado que remete ao gênero “sermão”, por estabelecer uma relação de assujeitamento com um texto de caráter moralizante e disciplinador.

Por último, observa-se um estilo específico marcado por preciosismo linguístico (‘vos digo’, ‘lhes darem’, ‘vadias desmazeladas de Mefisto’), e desenhos marcados de significação, em que Thor, por exemplo, destoa de sua representação na *Edda* (compêndio que carrega as histórias da mitologia nórdica), cabelos e barba ruiva, corpulento e brutal, tornando-se uma imagem do anjo católico, loiro, olhos azuis, alto e forte. As cores do quadrinho são, também, parte fundamental do estilo, na medida em que reproduzem cenas claras e escuras em consonância com os estereótipos de bem e mal, sendo os demônios associados à escuridão e os deuses à claridade.

Partindo da análise da materialidade, adentra-se na instância do discurso, procurando evidenciar o modo como o discurso cristão se manifesta na contemporaneidade, por meio de uma perspectiva da Nova História de Foucault (1995).

DISCURSO E HISTÓRIA – A SATURAÇÃO DE CRISTO E A RETOMADA DE DIONÍSIO

Parece haver um movimento de declínio do discurso cristão e emergência do discurso dionisíaco em que se pensa menos no cuidado do outro e mais no cuidado de si, como forma de obter prazer e aproveitar a vida de forma plena, abandonando cotidianamente o discurso religioso e trazendo à tona uma visão mais epicurista de mundo.

De acordo com Nietzsche (2006) e os conceitos de Foucault (1995), a história é, acima de tudo, um movimento, uma onda de mudanças constantes, composta por uma complexidade que faz com que a continuidade se quebre e se reestruture a todo o tempo, tornando-se descontínua.

É olhando para esse conjunto caótico, entrópico, que se vê um reflexo do cosmos, uma reprodução de um sistema físico maior, impresso nas proporções do social. As relações humanas emergem de condições diversas, entre o que é dito e o que é silencioso, inseridas em um emaranhado de conexões, numa malha espaço-temporal em que se distribuem diferentes componentes que, a partir de suas diferentes ligações, possibilitam a existência. Existência essa, que se funda em regras e que, em sua regularidade, dá vazão ao aparecimento das resistências, que buscam novas ordens. Busca-se, assim, aplicar esses conceitos arqueológicos ao discurso religioso e observar as proporções de seu abalo na contemporaneidade, olhar a mudança na ordem dos discursos e evidenciar a subversão.

O cristianismo se baseia, essencialmente, na crença em uma vida que se estende de um plano (terrestre) para outro (espiritual), criando a promessa de vida eterna, de continuidade, e atribuindo ao presente (leia-se presente como o instante em que se age, o momento de consciência que não se confunde com a lembrança ou com a esperança) um *status* de preparação, em que se devem conter os instintos animais, os desejos, as vontades, os prazeres e se entregar a uma vida ascética, que se baseia na purificação do corpo e da alma (vista de forma regular no discurso cristão como a essência do humano) para que se possa adentrar numa próxima vida, num paraíso em que se desfrutará a eternidade. Para tanto, os cristãos devem seguir o que está dito em seu livro de regras (a Bíblia) e assumir posturas morais que sejam refletidas socialmente, ou seja, como diria Foucault (2008), criam-se aportes para um sistema que gera a disciplina pelo medo e promove a segurança pelos olhos vigilantes, pelo olhar do outro. O dispositivo religioso se baseia na busca pelos corpos dóceis, pelo sujeito que não responde ao martelar, pela passividade e, por isso, se associa bem a qualquer sistema governamental que demande o controle da massa.

É na transição entre os séculos IV e V que o cristianismo aparece na História clássica em um movimento expansionista, com a conversão do imperador Constantino à fé cristã, a perseguição de pagãos e filósofos e a dispersão dos dizeres que passavam a tratar como axiomas: o maniqueísmo, céu e inferno, os perigos da vida dos prazeres e a ameaça da condenação. Disseminado por toda a Europa e adentrando o Oriente Médio, o cristianismo não escapou dos jogos de poder e, na microfísica de suas relações, os Cismas históricos tiveram vez, em detrimento de diferentes interpretações das escrituras, diferentes valores de verdade.

Em sua dispersão pela história, a doutrina cristã passou por mudanças e adequações, mas nada rompeu mais com os seus fundamentos do que a pós-modernidade e o movimento

racionalista nela inscrito. O cientificismo e o antropocentrismo tiram do plano espiritual e da figura de um Deus a função de motor da vida e a atribuem ao próprio homem, pautando-se nas diversas invenções e recursos que melhoram e facilitam a vida, medicalizando-a, higienizando-a, e, mesmo que sejam práticas que controlam os corpos, a possibilidade de se libertar e agir sobre seu próprio corpo parece maior, pois há um crescimento, quiçá uma abertura, para um discurso que se normaliza ao ressaltar as diferenças e as possibilidades de agir por si, eticamente.

A vida eterna parece se configurar, na contemporaneidade, como uma muleta, que não gera mais medo na possibilidade de sofrer num inferno de chamas e açoite, ou esperança na variável que leva à tranquilidade de um paraíso, mas cria o conforto de que a morte não é o fim e de que a existência tem um sentido maior que não cabe ao homem explicar, sendo retirada das práticas discursivas associadas ao que Bakhtin (1992) chama de gênero primário, associada aos gêneros elaborados (secundários). Não se deseja, agora, uma vida eterna, mas a efemeridade do instante, carpir o dia, viver cada vez mais e melhor. Há no homem moderno uma vontade de potência que o leva a questionar, a mudar, a romper com a quietude e cuidar de si. Existe aí, ainda, uma alteridade, como afirma Bakhtin (2010), que se define na relação com o outro, na responsabilidade inerente às relações e na existência dos atos como construtos dialógicos. O sujeito contemporâneo é essa amálgama incoerente, em que convivem a alteridade e o individualismo.

A imagem do Deus ameaçador decai diante da liquidez da contemporaneidade. Os mandamentos de sua lei, antes pré-requisitos para a entrada no “reino dos céus”, se esfacelam em face à atualidade do saber. Observar-se-á, abaixo, um conjunto de enunciados que carregam, em sua materialidade, vestígios do modo como o dispositivo religioso cristão se encontra em um momento de abalo e reestruturação, ou mesmo uma mudança de ordem, não rompendo totalmente com os valores cristãos, mas revelando indícios de rupturas:

Jovem Loki: “Devemos ser distintamente mais engenhosos.” (GILLEN, 2011, p.87)
Loki: “Eu sou o eco de um grito. Esta sala está escondida atrás de um capricho, enterrada num devaneio, coberta em maus pensamentos e malícia. Encontrá-la envolve um pouco de leitura e uma pontuação ainda mais correta. [...] É um lugar que Thor nunca iria localizar” (GILLEN, 2011, p. 21)

Em oposição à demonização do conhecimento, própria do discurso cristão, como representado no Gênesis pela árvore do conhecimento, é um indício da subversão do discurso cristão, formando um discurso de ode ao conhecimento, mas que não rompe com a oposição

maniqueísta entre bem e mal. Numa simples análise discursiva, talvez, pudesse-se imaginar que a narrativa do Jovem Loki é a transformação do discurso religioso cristão na retomada da cultura nórdica, porém, analisam-se, aqui, ainda, os símbolos redundantes na obra, que configuram mais do que o que está patente.

O IMAGINÁRIO E SUAS MUDANÇAS - O CRISTO ASCÉTICO USURPA O CORPO DE LOKI

A criação de ídolos, segundo Nietzsche (2006), é uma problemática que resulta da necessidade de sanar as angústias humanas ao projetar-se num ídolo superior. Iconoclasta, por sua trajetória, o filósofo anticristo via na idolatria uma prática que tornava o homem fragilizado, levando-o ao asceticismo, a uma entrega para um ídolo imaginário que implicaria a perda de uma vida plena (em que se aproveita ao máximo os prazeres que irrompem da vontade de potência).

Dizer que o trono estava vago (*Gottisttot*) significava, para Nietzsche (2006), a morte da necessidade da divindade. Porém, nesse estudo, parece que o trono, em que reinava o Cristo, foi ocupado por Loki. A idolatria modificou suas práticas por meio da emergência do discurso científico, materialista, positivista, trazendo à luz a imagem antropomórfica do homem mundano, orientado pelos prazeres em oposição ao asceticismo, a iluminação do conhecimento em oposição à passividade.

Os estudos sobre a Antropologia do Imaginário, de Gilbert Durand (2002), entram nessa costura por meio da questão do ídolo e da narrativa que o cerca como mito, o modo como se constitui, comunicando-se diretamente com a construção e desconstrução contínuas dos valores de verdade históricos que são produzidos em dado momento por meio do imaginário coletivo. Para pensar isso, Durand (2002), conceitua a bacia semântica, ou seja, uma metáfora que faz referência ao processo histórico e aos mitos que se instauram hegemonicamente na sociedade, aparecendo por meio de ciclos e alternando-se de forma latente e patente, como retomado de uma memória, que deriva do imaginário coletivo, um mesmo conjunto de imagens que definem uma época pelas regularidades a ela inerentes.

Leva-se, assim, em consideração, que o imaginário coletivo é o aporte para que se simbolize e signifique o real, dando formas às relações sociais e erigindo a sociedade a níveis de organização arbitrários (à primeira vista) em relação à natureza, sejam eles ideológicos ou históricos, promovendo a constituição de ídolos na busca por segurança, superação das angústias

e da própria idolatria. O imaginário e o discurso se cruzam, então, na medida em que estabelecem relações na formulação de um modo de entender o mundo, criando práticas, saberes e poderes que se manifestam de forma política e histórica e proporcionam a simbolização do mundo.

Irrompe, dos símbolos, para Bakhtin (1992), o advento da linguagem, sendo o suporte que possibilita a significação do mundo e sustenta a esteira da sociedade, que se movimenta a partir do dialogismo inerente ao processo contínuo da enunciação, moldando uma constante mobilidade discursiva que produz valores de verdade, dando forma ao sujeito que é produto e processo, que está encadeado aos elos do social. Ultrapassa-se, assim, o nível da linguagem, alcançando a necessidade de olhar para os elementos extra-verbais que compõem a constituição da narrativa mítica, seja de Loki ou Cristo. Olha-se, assim, para os níveis social, histórico e cultural.

A estrutura social é, então, resultado de um processo discursivo que resulta das construções do imaginário individual e a relação dialógica com o coletivo, proporcionando, por meio da discursivização das práticas, divisões sociais, progressão histórica, heterogeneidade cultural e política. É nesse âmbito que se propõe que a linguagem e o sujeito são produtos de uma exterioridade, de condições de produção específicas. Criam-se assim, redes de enunciados que se dispersam pela malha social e possibilitam, por meio de diferentes formações discursivas, a emergência de regularidades.

A partir de tudo isso, pensando na mobilidade da bacia semântica, entre mitos patentes e latentes, busca-se demonstrar o modo como o mito do Cristo (latente) é retomado na HQ *A Essência do Medo – Jornada ao Mistério* por meio do mito do Jovem Loki (patente). Para comprovar essa asserção, Durand (2002), afirma que é preciso olhar para a redundância dos símbolos presentes na narrativa. Os mitemas são as partes mínimas de significação que constituem o arquétipo mítico e orientam o mito em sua estrutura fundamental, apresentando-se por meio de imagens, que remetem ao mito que orienta as relações interpessoais em sociedade.

Nessa perspectiva, observa-se, inicialmente, a transformação de Loki, o deus traiçoeiro e trapaceiro, a figura do predador, o lobo, em Jovem Loki, uma criança, símbolo da inocência, da pureza, o cordeiro. Observa-se, portanto, o modo como o mito do Cristo e o do Jovem Loki se associam, na medida em que ambos são seres encarnados e, ao mesmo tempo, divinos, puros, crianças prodígios que desenrolam peripécias nas narrativas, mas sempre em razão de um bem maior. Se por um lado, o Jovem Loki pergunta a Thor o que fazer se algo ruim tivesse que

acontecer para que algo pior não acontecesse e obtém a resposta de que deveria se certificar de que o algo ruim acontecesse, por outro, Jesus, na lógica cristã, se sacrifica para que a humanidade se redima do pecado original, sendo apoiado por seu pai espiritual, que ao mesmo tempo é o próprio Cristo (consustancialidade).

Ambos morrem e ressuscitam salvando a humanidade de um perigo iminente, sendo considerados heróis da humanidade. A narrativa tem início com a descrição de sete pegas em revoada (pássaros comuns na mitologia nórdica), uma delas leva ao Jovem Loki a chave que o guiará em sua jornada, o que se pode associar a dois exemplos da mitologia cristã, a pomba que traz o ramo a Noé, indicando o fim do dilúvio e o espírito santo manifesto na forma de pomba, sendo o guia espiritual do cristianismo (a fig. 1 traz a representação gráfica da imagem da pega). Além disso, o número sete é recorrente no cristianismo, sendo a redundância do número de pegas dentro da HQ, uma evidência dessa relação.

Fig. 1: A PEGA



(PORTACIO, 2011, p. 170)

O Cristo e o Jovem Loki também têm em comum um discurso de busca por união comunitária e paz, na medida em que só por meio da morte o caminho para a salvação pode ser trilhado e encontrado, preocupando-se com o próximo, numa expressão de amor coletivo. Opõe-se, a isso, porém, a demonização dos sujeitos vilões das narrativas, como o demônio na Bíblia e

Cul, a serpente, em *Jornada ao Mistério*. Essa estrutura promove a dialética entre bem e mal própria do maniqueísmo cristão, em que, para um herói ser erigido, é preciso que um vilão caia. Ao invés de anjos e demônios, Cristo e o diabo, inscrevem-se deuses e monstros, Jovem Loki e Cul, a serpente do medo (a Fig. 2 representa Surtur, o demônio que dará início ao *Ragnarök*) em oposição ao jovem Loki, representando o maniqueísmo na obra, na medida em que o monstro é representado aos moldes do demônio cristão e o Jovem Loki carrega um olhar infantil, calmo e acolhedor).

Fig. 2: SURTUR E JOVEM LOKI



(PORTACIO, 2011, p. 94)

Por fim, o mito do Jovem Loki apresenta um último mitema que reforça a atualização do mito do Cristo por meio da roupagem da mitologia nórdica. Ambos buscam discípulos para que possam concretizar sua jornada, Jesus busca doze pescadores que pudessem espalhar sua palavra, enquanto o jovem Loki busca nove criaturas para que pudesse salvar *Asgard* e *Midgard*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vê-se, portanto, a necessidade de filosofar com o martelo, quebrar o que é passível de sentido, questionar a si mesmo, trazendo à tona uma relação de conjunção entre individualidades perspectivas que resultam na produção de um imaginário coletivo, individualizando-se pelas suas regularidades e sobrepondo e entrecruzando-se com outros imaginários marginais, movimento que culmina na corrente da bacia semântica durandiana, pensada como uma metáfora para a historicidade e o modo como o imaginário traz, à luz, narrativas e imagens próprias e cíclicas em dados momentos, estruturando-se por meio de rupturas e emergências, como diria Foucault (1995), latência e patência, como diria Durand (2002). Provoca-se, dessa forma, um contínuo que, em Nietzsche (2006), não é começo nem fim, mas um eterno retornar das emergências, uma mudança infinita que se limita apenas em espaço, mas não em tempo, na medida em que o tempo é resultante da energia que impulsiona os corpos a movimentar-se. Por isso, assume-se que, vê-se a partir do lugar que lhe é próprio, mas não se é uma ilha isolada no oceano, o imaginário e o discurso não se constituem na solidão da palavra ou da psique, mas na interação com o outro. A alteridade é, portanto o combustível da produção imagética e discursiva.

Constata-se, neste estudo, que o mito de Cristo está latente na HQ *A Essência do Medo – Jornada ao Mistério*, enquanto o mito de Loki e dos demais deuses asgardianos fica patente. Assume-se isso em razão das regularidades históricas, redundâncias imagéticas e modo como se estruturam as características do gênero do discurso, produzindo efeitos de sentido específicos em dado momento sócio-historicamente marcado.

Permanecem as existências do asceticismo e do niilismo, porém, na atualidade, parece haver, mesmo em meio ao dispositivo religioso, uma preocupação muito maior com as questões do agora, do bem viver, do aproveitar cada instante, do que com uma preparação para a vida eterna. Essa nova ordem cria práticas como a “Teologia da Missão Integral”, que se resume a um conjunto de ações de caráter social, fugindo à esteira da totalidade espiritual e integrando movimentação social e evangelização, fatos como esse normatizam um novo construto do dispositivo religioso, uma reconstrução calcada na desconstrução. Comprova-se a existência do abalo pautado no martelar de um antropocentrismo humanista.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética Da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BYOCK, J. (Trans.). *The Prose Edda*. Penguin Classics, 2005.

DELEUZE, G. *O mistério de Ariana*. Trad. Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega, 2005.

DURAND, G. *As Estruturas Antropológicas Do Imaginário*. São Paulo: Martins fontes, 2002.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia Do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995.

_____. *Segurança, território e população*. Trad. De Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GILLEN, K.; ELSON, D.B.R.; PORTACIO, W. *Avante Vingadores: A Essência do Medo – Jornada ao Mistério*. Tradução de Rodrigo Barros & Bernardo Santana. nº 56. São Paulo: Panini Comics, 2011.

NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed. 2001.

PRADO FILHO, K. Diversidade e diálogo: reflexões sobre alguns métodos de pesquisa em psicologia. In: ZANELLA, A. V. *Interações*, vol. XII, n. 22. P. 11-38. Juldez 2006, Universidade de São Marcos.



Submissão: 16 de março de 2016
Avaliações concluídas: 17 de abril de 2016
Aprovação: 08 de setembro de 2016

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

SILVA, Anderson Nowogrodzki da. Uma Reflexão Sobre a Retomada dos Mitos nas Histórias em Quadrinhos: A Influência da Mitologia Cristã na Representação da Mitologia Nórdica (Dossiê História em Quadrinhos: Criação, Estudos da Linguagem e usos na Educação). *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 16, n. 02, p. 441-459 de 469, edição especial, 2016. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >